

A RAZÃO

Director e Editor: — LUÍS FILIPE COELHO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 40 do 3.º Ano

Redacção e Administração: — Rua Trindade Coelho, 27

Guimarães, 21 de Outubro de 1926

Composto e Impresso na Tip. de «A Tradição» — F.A.F.E.

Ainda a saída do 20

Regressaram de Lisboa os Ex.^{mos} Srs. Dr. João d'Oliveira Bastos e Antonio Pereira Rodrigues que ahi foram tratar da questão do Regimento de Infantaria N.º 20. Segundo nos informam, vão ser enviados memoriais a todos os Ministros a fim de que o assunto seja levado ao conhecimento de todos eles; mais nos dizem que há intransigencia da parte do senhor Presidente de Ministério e Ministro da Guerra e que S. Ex.^{cia} se esqueceu do caso recomendado.

Já assim nos queria parecer, porquanto, não tendo transigido com a 1.ª Comissão, mal ficaria atender os pedidos da 2.ª que não era politica e que conseguira realizar um trabalho valioso, ou seja, o pedido de todas as juntas de paróquias, das entidades officiais da cidade, e o apoio dos concelhos limitrophes.

Monumento aos Aviadores

Continua sendo reparada a não conclusão do monumento erigido em honra dos gloriosos Aviadores do Sul de Lisboa-Rio e mordiscam-se insinuando pouco lisonjeiras para aqueles que á sua conta o tomaram e se propunham concluí-lo.

—Mas o que há?!
Respondam; falem desembuchem!
A cidade deseja saber as causas de tanta demora!...

Correios e Telégrafos

—Chegou?
—Ainda não?!
—Então quando o temos cá?!...
Eis as perguntas que se ouvem a todos os momentos e em todos os cantos.

A descrença começa a invadir o espirito do nosso povo e vêm-lo encaminhar-se para o Largo do Prior do Crato, acabrunhado e pensativo, como que detestando o local para onde se dirige, tão pensativo que instinctivamente leva a mão ao nariz e o aperta...

—Ah, sim, é o mictório, balbuciamos.

Seguimo-lo sempre e admiramos-nos do propósito, pois não altera a posição que tomou...

Café Avenida, Casa Roberto, estabelecimento da V.ª de João Gualdino e Teixeira d'Abreu, e estacou qual burro teimoso! Paramos, e curiosos! Toma uma grande golfada dar, tapa mais as narinas, entra na Estação Telégrafo-Postal e com voz fanhosa pede dois selos, um registo ou um despacho duma encomenda-sinha!

—Engraçado! na verdade aquela latrina é insuportável; um cheiro a pó e a suor, um calor asfixiante, um apertete medonho e enfadonho, tudo nos leva a tomar um gesto heroico para lá entrar. Nunca se viu maior vergonha! Mas... então esses tais contos e contos quando chegam?!
E as obras quando se iniciam?!
E a mudança quando se faz!

Lêde e propagai

“A RAZÃO”

PELAS BORDAS

Não vão longe os tempos em que a mínima manifestação de cesarismo dos governos logo correspondia a máxima irritação de todos os órgãos da imprensa, unânimes em apelar para a tão mal compreendida liberdade de pensamento e para todos aquêles direitos, que vinte séculos de luta deram às gentes, e dos quais, confessemos-lo, tanto se abusava; não vai longe esse tempo, o bom tempo em que todos os pretextos serviam para desacreditar governos e políticos, levando ao seio da massa ignorante e vo'uve! a incerteza desamadora, a dívida desorientadora, incerteza e dívida que, bem exploradas, vem sendo os mais certos factores do nosso mal estar e ruínosa situação.

E' de há dias o facto, como o é este outro de neste semanário termos afirmado que se impunha uma lei de imprensa capaz de levar o senso crítico onde elle faltava e a moral onde a não havia. Era mister acabar com o derrotismo, com o descrédito, com todas essas apaixonadas campanhas, que em volta do poder se faziam, cavando a ruína dos homens e o desprestígio dos princípios.

Era necessário pôr termos á acerba e desacertada critica que não raro atingia e feria os próprios interesses nacionais. Essa lei surgiu com o 27 de Maio. E' o que se esperava? E' boa, é má? Não nos é permitido, ao que ouço, discuti-la. Boa ou má, a mesma imprensa que protestava e gritava á mínima manifestação de cesarismo dos governos, aceita-a e obedece-lhe. Mas, adeante.

Não nos é, disse-se acima, permitido discutir a actual lei de imprensa; contudo, é de crêr que nos seja consentido fazer algumas observações que em nada prejudicam quem quer que seja, alguns reparos a que nos forcem a nossa qualidade de republicano e o nosso amor á justiça. Defende essa lei os altos servidores da nação, os governos e seus representantes e tão pressurosamente o faz que até nem deixa que critica se faça em volta do proceder das comissões administrativas.

Ora, enquanto isto se dá, observamos tambem que os jornais e semanários e outras lumieiras do progresso... monárquico cosem e descosem á vontade na casaca da Republica, anavalham sem cessar o regime e continuam a dizer dos republicanos o que Mafoma não se atreveu a dizer do toucinho.

Será isto justo? E a lei? Essa lei que defende os ministros do regime não deveria defender em primeiro lugar o próprio regime? Ou será tão omissa como isso?

Que o digam os ilustres censores.

P. P.

Intrigas, velhas intrigas!

E' espantoso como a intriga se coleia em volta do nome do Presidente da Comissão Administrativa da Câmara e como o desplante e o manifesto propósito se entretem a alimentar o fogo do ódio!

Diminuem-se as suas qualidades de trabalho, esquecem-se os serviços prestados á cidade, repudiam-se os laços de amizade que o ligam a esta terra e abomina-se todo o seu ár de a todos servir, para o apodarem de resistencia surda, de traidor da causa vimaranense, de intruso camarista e de vaidoso sem escrúpulos, como se Duarte Fraga nos tenha somente prejudicado e pense um rebaixar a cidade de Guimarães!...

E ouvimos há, e bôcas tambem, que ouvem e deturpam as frases que a seu respeito se proferem!...

E corações há, e figados tambem, que esvurmam a raiva, a bilis e todos os seus ruins sentimentos!...

Bilis de inconscientes pensadores!!!

—Não temos carta para o vir defender ou para o bajular no jornal.

Conhecemos o Presidente da Comissão Administrativa da Câmara, sabemos o que vale e quais as suas superiores qualidades e tambem quais os seus propósitos em defesa dos interesses cidadãos; estamos sempre em contacto com sua Excellencia e fazemos-lhe a justiça de nos considerar com a sua amizade; ouvimo-lo nas suas esperanças e nas suas desolações; damos assentimento ás suas boas iniciativas como reprovamos qualquer boa intenção que nenhum efeito pode produzir; e eis porque achamos uma infâmia tudo o que a seu respeito se diz, uma réles intriga, uma politica de campanário.

Duarte Fraga, fiquem-no sabendo, é alguém que muito estremece a sua terra adoptiva e que merece a consideração dos vimaranenses.

Porquê, dirão?!

Interróguem os botões e acreditarão no seu bom desejo de tornar próspera a cidade e concelho de Guimarães, o seu grande amor por este palmo de terra que lhe não pertence e o seu enorme respeito por cada vimaranense.

Diabo, não sejamos mais papistas do que o próprio... *bairrista!*

Ao M. J.

Não se pode publicar. Está bem escrito, bem argumentado, tem lógica ás carradas e razão a dar com um pau; mas, meu caro senhor, a censura é o diabo. Veja a lei da imprensa e diga, depois, se é possível dar-se publicidade ao seu excelente artigo.

Ainda se fosse a dizer mal da Republica e “A Razão” defendesse a monarquia, vá que não vá... Assim, sendo este semanário republicano, não pode sêr. Em que camisa nos veriamos nós se nos puzessemos a dizer mal dos padres e da tal lei de aposentação dos dios?

Nem quero que me lembre...

Não, meu caro. Olhe, leia-o em familia, á lareira, longe da vista e do ouvido do censor.

Veem aí as noites de inverno e de castanhas. De uma cajadada mata dois coelhos: desabafa e passa o tempo.

Assinai

“A RAZÃO”

: Este numero foi visado :
pela Comissão de Censura

Cães danados

E', pelo visto, praga que nunca mais nos larga, a não ser que usemos dos processos radicais e violentos neutros peizes já usados com os melhores resultados, mas que entre nós se não acimstam e adotam, por contrários ao bom senso, talvez.

Todos os dias relatam os jornais casos de hidrofobia; todos os dias os jornais se referem ás tristes consequências deste delitico criminoso em que, a tal respeito, vamos vivendo sem que nunca chegue aquêl momento de tomarmos a resolução unica, o unico remédio para evitarmos a praga que tantas vítimas faz. Urge que, para tranquillidade de todos, se tomem providencias em tal sentido. Partem das comarças, ou venham da administração dos concelhos, é preciso tomá-las rapidas e enérgicas. Aqui, em Guimarães, a cada passo se contam façanhas de cães danados; e, contudo, não vemos que medidas se tomem para valer a isto. Os cães vadios são nos *cardines* por essas ruas.

Que quem pode resolve sem delongas e sem fraqueza esta questão.

Telefones

Nem mais meio!

Parece incrível mas é uma verdade. Nunca mais se põem a funcionar os telefones e nunca mais temos o prazer de pegar-nos no auscultador e perguntarmos:

—Está...? está...? Quem fala...?
—Pobre Guimarães! Infeliz Guimarães!

Lembras o cascalho das estradas que ao fim de 4 anos de seca, outros 4 estão á espera de que o depositem no sítio onde macdamará!...

Luz eléctrica

Amortecida, quasi desejando sumir-se, a luz eléctrica em nada se parece com aquela que há meses illuminava a cidade de Guimarães!

Fraquíssima, peor que a luz de petróleo, ella não é mais do que a frouxa luz duma lamparina de azeitão, de pavio totalmente queimado e alimentado por uns ultimos resíduos!

Já se não pode dizer que esta cidade prima em luz, que enconta pela luz e que nos extrasia com a sua luz...!

—“*Teu progresso, tua vida...*”

E a illustíssima Comissão Administrativa da Câmara, iraca tambem, deixa-nos ás escuras após as tantas da noite, sem desejar importar-se com aquêl que trabalha ainda, com aquêl outro que está docente, com o *touriste* que vai para o comboio das 7 1/2 horas ou com o operário que se levanta de manhãzinha, em demanda do trabalho que lhe grangeará o pão!

Falta d'água para produzir a energia?! E a caldeira para que serve?!

O que não convem é este dolorosissimo espectáculo de deitarmos-nos sem luz e de levantarmos-nos sem ella. Haja firmeza, e a eléctrica não podendo ser boa será, contudo, sufficiente para alumiar a todos.

CERTAS NOÇÕES...

Vem de tempos imemoriais o desejo de explicar a origem, o fundamento desta coisa tão complexa, tão cheia de subtis engrenagens, a que se chama o Estado. Constituiria uma biblioteca grandiosa a reunião dos milhares de volumes que sobre o assunto tem sido escritos por todos aqueles a quem tem interessado os estudos relativos ao fundamento e à organização do Estado. O direito público, o direito político, foi sempre, em todos os tempos, o campo preferido pelos juristas de maior prestígio.

É vasto o problema e cheio, em alguns dos seus aspectos, das mais delicadas sutilezas. É necessário ter-se a formidável aptidão jurídica de um Jéze ou a inteligência essencialmente latina, cheia de brilho e de clarividência, de um Duguit, para poder apresentar tão magno problema, estudá-lo e solucioná-lo de forma que todos possam abrangê-lo sem grande esforço.

... Porque se trata de matéria assim difícil, que me seja perdoado o escrever algumas ligeiras palavras sobre o assunto...

Segundo Duguit—e a teoria de Duguit é hoje geralmente aceite—o que essencialmente, caracteriza e determina a existência do Estado é a distinção, a diferenciação, sempre facilmente verificável, entre *governantes* e *governados*. Onde nos aparecer claramente, nitidamente a diferenciação entre governantes e governados aí teremos o agrupamento político Estado. A explicação de como a pouco e pouco, a partir do *clan*, da tribo, dos agrupamentos primitivos, se foi estabelecendo, concretizando esta diferenciação, comportaria um longo estudo. Pode dizer-se de momento, e de uma maneira geral, que a origem, a razão de ser dessa diferenciação se encontra neste facto concreto, material:—a *noção do serviço público*, noção que a principio rudimentar e mal compreendida e hoje já nitidamente definida—começou de aparecer quando se reconheceu que certas necessidades públicas, colectivas teriam de ser satisfeitas por um processo diferente do processo de satisfação das necessidades particulares. Tem assim o Estado a sua origem num factórial. Desnecessário se torna o pretender explicar a sua existência lançando mão de princípios vagos, imateriais,

metafísicos, como os contidos nas teorias do direito divino. O Estado, o Poder Público, aparece, não como uma concessão feita por Deus ao homem, não como parcela do poder divino, mas como alguma coisa de positivo, de origem essencialmente material e humana. Vai longe o tempo em que se falava em *sobrerania*—noção vaga que detém noua a criação do misticismo de 89, da Grande Revolução, mas que nada explicou de concreto...

Assim se explica que o governante não seja hoje olhado como ente participando um pouco do sobrenatural, tendo suas raízes na divindade, mas como homem perfeitamente igual a todos os outros homens, que será legítimo ou ilegítimo, obedecido ou desobedecido consoante o cumprir ou não cumprir os deveres que lhe assistem, as obrigações a que está sujeito.

Tenho os mesmos direitos que os governados, os governantes tem alguma coisa mais do que aqueles: tem mais deveres.

Porque tem deveres, o governante há-de, necessariamente, ser *responsável*. A responsabilidade consiste essencialmente em ter de prestar contas da forma como se desempenham do lugar a que foi elevada. O sufrágio é o meio de que se servem os governados para confirmar a sua confiança ou para manifestarem a sua desconfiança áqueles que os governam.

Onde não há sufrágio, onde não há escolha, onde não há eleição, não pode haver absoluta responsabilidade. Onde tal acontecer o governante será aquilo que quizer ser e só um acto de força poderá desalojá-lo. Dizem-no os livros e dizem-no os factos...

Não foi, por certo, despropósito escrever as palavras que aí ficam. Há um certo número de noções que nunca será de mais lembrar, ter presentes. Conheço um paiz pequenino, cheio de sol e de heroicas tradições, onde certas coisas tem sido possíveis só por haver muitos que desconhecem algumas dessas noções...

Pinto Rodrigues.

Anunciai na "A RAZÃO"

LACADAS ENTÉRROS

Chega a ser ridícula, quando não é repugnante, a classificação feita aos mortos no que respeita a entérros.

Há-os que levam padres, carpideiras, gatos-pingados, flores e música, como também os séi que vão para os cemitérios sem acompanhamento algum, tendo por mortalha um trapo e por esquife uma autêntica *salga-deira*, escondidos aos olhos curiosos da população, e com único latim do tanger dos machos que arrastam a chamada "Cosinha de Ferro" e que são guiados por um cocheiro de aspecto indubidário, cara marcada por enormes cicatrizes de golpes, andrajoso e com a tradicional *prisca* colada ao canto da boca.

Vejo-os passar quasi todos os dias, depositados em soberbas urnas de mogno trabalhado, nuns luxuosos *corbillards* tirados a duas parelhas, alumados por incomodativos archotes, cobertos de "coroas" e *bouquets*, com vistoso como provocador cortejo de *landais* e automoveis, como os contemplo maltrapalhamente encafuados em caixões de pinho, sobrecarregando e distendendo os músculos de quatro amigos que foram íntimos e com o único acompanhamento da saudade que se tornou vivida no seio daquela familia desprovida de amparo e que olha indecisamente para o Futuro.

Depois... o cemitério lúgubre e tristonho...

Uma missa com cantata apropriada ou duas frases latinas proferidas em tom apressado, tudo demonstrando um zelo próprio de quem tem de ameaçar umas cédulas ou de quem veio até ali num descargo de consciencia...

Chegam os entérros.

Se o defuncto tem jazigo e a familia bens por onde pague caro o levantamento da pedra tremular, vertem ainda duas crocodílicas lágrimas porque ouviram palavras impressionantes e tristes, e cumprem a sua missão num silencio de resignados; se foi pobre e deixou os seus entes queridos na miséria, então vá de maldizer do "estupor" que pesa demasiado e que tanto trabalho lhes dá sem que ao menos tivesse legado espórtula sufficiente para o pagamento das duas meias canadas do... estilo.

Decorrem tempos e anos são já volvidos...

Imperturbável é o sono d'aquêle que veio num rico *corbillard* e teve discursos, como vemos aberta a vala comum do outro sarilho que tanto trabalho deu.

E então, nos jazigos as ossadas continuam intactas nas urnas de mogno trabalhado, na terra vão-se corroendo as que se pagaram por pobretões e miseráveis e na vala se entulham as que nem um cecil tinham de seu...

Bem chulo tudo isto!...

Expondo claramente o interesse dos vivos, a satisfação de desejos e o alár de ambições, dando-se fóros duma *verdadeira* sinceridade, estes espectáculos comovem-nos por não satisfazerem qualquer espécie de compaixão e por representarem uma comédia de aparato truanesco, na qual esta sociedade pôdre, ranceirosa e flatulenta tem o principal papel, e, ainda, por reprovarem a consciencia duma convicção que, no dizer de R. Ortigão, dá a eternidade da alma.

L. C.

TEARES

Vendem-se dois, manuais, com "jaccards" de ferro, em estado novo para fabrico de colcha "lustra".

Falar na Fábrica de Tecidos de Santa Luzia, onde os mesmos funcionam.

PELA CIDADE Juntas Administrativas das Freguezias

Ouve-se um tambor pelas ruas:

—Ra-ta-plan...plan...plan...

Corremos a vêr a origem de tal rufo e deparamos com uma roda enorme de gente que se prepara para deliciar o seu gosto no espectáculo que o saltibanco e 6 filhinhos de mínima idade lhe vão proporcionar.

Ei-los vestidos de fraque de veludilho encarnado e de *mail-lots* azuis, todos caras de fome, sujos da poeira das estradas, as sandálias rôtas e as meias repletas de *dias santos*, com uma resignação de animais a quem a desdita roubou a selva!...

—*Vai principiar, senhores!*

E por sobre uma manta esfarapada, préviamente colocada no chão, os petisitos iniciam as suas cabriolas, batendo duro com os costados nas agulhas da calcetaria, enquanto aquela multidão de curiosos começa o seu riso alárve pelo facto do mais pequeno dos comediantes não ter conseguido o equilibrio, mas sim tombar; uma ordem dada pelas mal arrancadas notas dum cornetim e logo aumenta o riso com as cantigas de versos obscenos e de quadras duma revista que já deu a sua época; a demonstração de que muitos prégs são incapazes de perfurar a pête do saltibanco, as novas cambalhotas, o quebrar duma pesada pedra colocada sobre um peito d'aço, novas quadras e finda o espectáculo... para dar origem ao peditório—único lenitivo para aquelas sete bocas semi-escancaradas.

E com que tristeza o contestamos...!

Aquella mola de gente começa a debandar com certa pressa—não vá a taça roubar á sua bolsa—pensando nas graças que ouviram e s'freando o último ris de seus lábios, tão pressurosa, que o saltibanco se fica a coçar na cabeça e a olhar as duas cédulas de 5 centavos angariadas, lembrando-se da companhia que no hópital geme as dôres do parto e também daquêles seres pequeninos que roiem uma côdea de pão e que é a última do dia...

Foi no Largo do 1.º de Maio que se consumou o crime...

Vagueava em procura dum ôsso, o pobre animal! Farejava todos os cantos e ziguezagueava todo o largo, metendo o focinho em todas as portas, solitário como um humilde dos caminhos em procura da esmola—"um proletário roto, sem familia, sem inãe, sem casa, sem abrigo"...

Casualmente, não um *miserio pintor*, passava por ali um desporteman da caça, rodeado por uma bela matilha, espingarda a tira-colo e com a malvadez apoderada dos seus instintos.

Talvez pela recordação da sua amargura, o pobre cão chegou-se junto dos companheiros,

Em virtude da saída do Regimento de Infantaria N.º 20 e por convite das Juntas Administrativas das Freguezias da cidade, reuniram-se no passado domingo ás Juntas de Freguezias do Concelho de Guimarães, tendo resolvido apresentar a sua demissão ao Ex.º Senhor Administrador do Concelho, até que completa satisfação seja dada pelo Governo.

como que indagando daquela *felicidade* que lhes dava trabalho e manjar, cheirando-os curiosamente, o *tr de bon dailgo* e "a eloquente nudez d'un grande coração"...

Um tiro soa. O cão olha misteriosamente. Outro e outro e êle tomba inérme, fulminado, já sem vida.

Uma pôça de sangue o envolve e a um novo tiro, rasgam-lhe o peito, expostos os intestinos...!

E assim a malvadez conseguiu satisfazer a sua sede de vingança, miserável como criminosa, hedionda e abjecta!

Já se pode vêr a parêde dos anúncios.

Agora, sim! Muito melhor do que o navio da "Ultramaria", do que o rabanete-pião e do que a couve-flôr-de-liz!

A Sociedade Martins Sarmiento realisa, brevemente, uma conferencia em que será orador o conhecido poeta Rui Chianca, director da revista "Portugal" que se publica no Brasil, e cujo tema versará sobre os portugueses que habitam aquella grande Nação.

Vão ser iniciadas, pela Câmara, as obras em volta do Castelo e Paços dos Duques de Bragança.

CASA

VENDE-SE na Rua Dr. Avelino Germano n.º 96, com duas moradas e grandes armazens, tendo bom quintal com vinha e água.

Nesta Redacção se dão todos os esclarecimentos.